

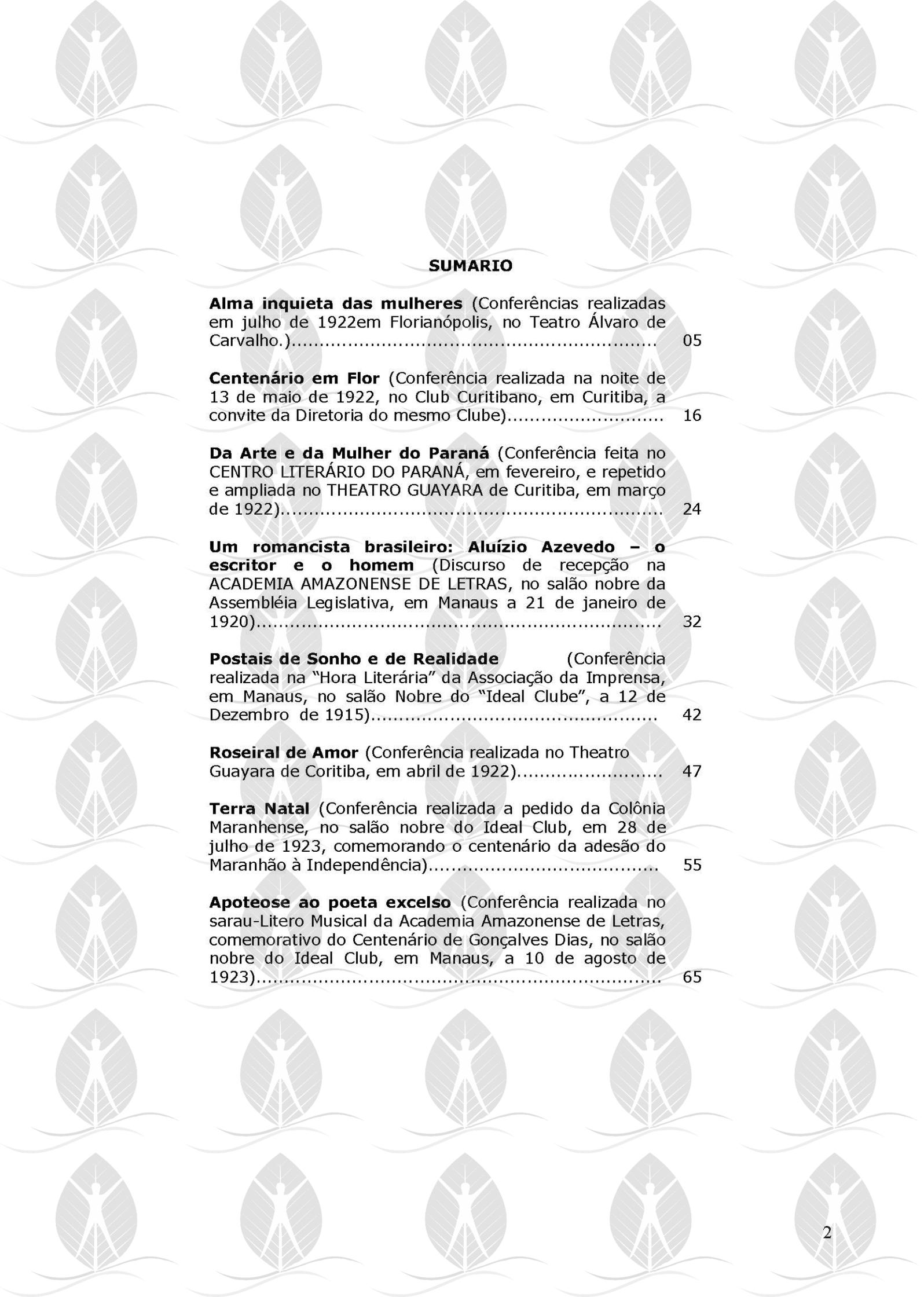


Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas
Biblioteca Virtual do Amazonas, 2001.

RAUL DE AZEVEDO

A alma inquieta das mulheres

(Conferências literárias)



SUMARIO

| | |
|---|----|
| Alma inquieta das mulheres (Conferências realizadas em julho de 1922 em Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho.)..... | 05 |
| Centenário em Flor (Conferência realizada na noite de 13 de maio de 1922, no Club Curitibano, em Curitiba, a convite da Diretoria do mesmo Clube)..... | 16 |
| Da Arte e da Mulher do Paraná (Conferência feita no CENTRO LITERÁRIO DO PARANÁ, em fevereiro, e repetido e ampliada no THEATRO GUAYARA de Curitiba, em março de 1922)..... | 24 |
| Um romancista brasileiro: Aluizio Azevedo - o escritor e o homem (Discurso de recepção na ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, no salão nobre da Assembléia Legislativa, em Manaus a 21 de janeiro de 1920)..... | 32 |
| Postais de Sonho e de Realidade (Conferência realizada na "Hora Literária" da Associação da Imprensa, em Manaus, no salão Nobre do "Ideal Clube", a 12 de Dezembro de 1915)..... | 42 |
| Roseiral de Amor (Conferência realizada no Theatro Guayara de Curitiba, em abril de 1922)..... | 47 |
| Terra Natal (Conferência realizada a pedido da Colônia Maranhense, no salão nobre do Ideal Club, em 28 de julho de 1923, comemorando o centenário da adesão do Maranhão à Independência)..... | 55 |
| Apoteose ao poeta excelso (Conferência realizada no sarau-Litero Musical da Academia Amazonense de Letras, comemorativo do Centenário de Gonçalves Dias, no salão nobre do Ideal Club, em Manaus, a 10 de agosto de 1923)..... | 65 |



PARA AS LINDAS MOÇAS
DO MEU PAÍS

R. A.



Cada um, - seu caminho, seu modo de pensar e de sentir, verdadeiramente bem, cada um só pode conhecer de si mesmo, dos seus motivos, da sinceridade e honestidade de suas intenções. Se eles me querem julgar a mim, é um juízo fútil, porque não conhecem nada da minha psicologia. Se eu os quisesse julgar a eles, seria o mesmo. Foi por isso que na "Vida" de meu Pai procurei sempre explicar os atos e atitudes de um sem número de personagens pelo móvel mais elevado, porque se me enganasse, errava do lado da caridade e da benevolência.

Joaquim Nabuco.

A alma inquieta das mulheres

(Conferências realizadas em Julho de 1922, em Florianópolis, no Teatro Álvaro de Carvalho).

Esse grande e famoso Anacreonte, que refloriu na época excepcional do paganismo antes do Cristo puro e imáculo, numa das suas ainda hoje cantantes e sugestivas odes, dizia a um pintor eminente – Pinta, Príncipe da Arte de Ródia; pinta como te digo eu, a minha Amada ausente. Em primeiro lugar pinta-lhe os cabelos negros e suaves... Pinta-lhe a fronte de marfim, e as sobrancelhas que sejam negras como os de Minerva, e graciosos como os de Vênus. Os seus lábios são como rosas mescladas de leite, provocadores de beijos, e todas as graças voejam em torno de seus ombros e ao redor do seu colo. Tudo o mais, pintor, cobre com vestido de púrpura, mas de como que se descubra algo da sua carne maravilhosa, que seja como amostra do seu corpo escultural. Basta que eu a mire e Ela assim está pronta para falar.

Certo se retrata com perfeição a Mulher, até no detalhe mais completo que é o seu olhar e o seu sorriso, e as telas maravilhosas e emocionais de Watteau, leves e transparentes como uma gaze; de Rubens com a sua discricção e a sua emocional perfectibilidade; de Rembrandt com a sua pompa, o seu colorido e a sua técnica formidável e tocante, pintaram com rara maestria bocas formosas e olhos estonteantes, cabelos negros como azeviche ou fulvos como raios de Sol, seios macios e veludosos e corpos duma beleza apurada e sadia linha escultural, expoente máximo da perfeição duma natureza triunfante e dominadora!

Mas... dizer, através duma psicologia que não fatigue, que seja profunda e aparentemente duma leveza de nuvem branca que se esfarrapa e se desfaz, da maior das complexidades humanas que é a Mulher, desse labirinto que é a sua Alma, desse tormento que é o seu Espírito, desse oceano que é o seu Coração, de certo é ousada tarefa só desculpável pólo rendilhado do assunto e pela finura e delicadeza da tese.

Como será possível numa perfeição rara e num acabamento incomparável, surpreender a alma inquieta das Mulheres, analisá-la, dissecá-la, - ela tão complexa que é, tão subtil, que é rio manso que desliza, às vezes tormenta dantesca que se desencadeia, que é doçura e rugido, que é bonança e ódio, tão desencontrada em si mesmo, tão encantadoramente desigual, tão deliciosamente paradoxal porque, Senhores, nós não sabemos nunca, nem muita vez Ela mesma, o que uma mulher quer e o que ela não quer!

Quem através dos livros rebuscados e de uma larga convivência social, se familiarizou com a esquisita, e estranha, e complicada, e extraordinária Mulher de hoje, destes tempos que correm, voam céleres e surpreendentes, fica espantado do seu refinamento, - e eu só vos falo dos expoentes – das suas sutilezas requintadas e adoravelmente extravagantes, para chegar a essa linda conclusão de que a Mulher de agora quando muita vez diz o “não” fatídico, nós devemos traduzir por um “sim” que está dentro do seu Coração...

Ela se contradiz até consigo mesma, com volúpia.

Por temperamento, por educação, por gosto e prazer, por uma filigrana do seu Espírito requintado, faz e desfaz, odeia e ama, quer e não quer, apura a tortura moral, - para depois se deixar fechar nos braços daquele que é o seu cuidado e o seu carinho!

Dizia esse grande psicólogo que é Julio Dantas – “falemos de Mulheres, que os homens são tão enfadonhos!”

Pois sim... Analisemos a sua Alma e observemos as suas contradições, o seu feito raro e original – que não há uma Criatura feminina igual à outra Criatura. Elas se diferenciam tanto de uma para outra!... Tanto!... As de hoje então são inteiramente diversas das de outrora, de fidalga, misto de minuete e pavana, que era o assombro encantado dos nossos avós, foi trocada pelo tipo americanizado da Mulher hodierna – fino, leve, ágil, delgado, sem espartilho, o corpo solto que se adivinha ligeiramente tendência masculina que com desprazer se assinala. E no comentário irônico e transbordante de malícia daquele belo estilista que eu vos citei ai acima – na sua fúria de masculinização, a Mulher começou por nos encantar, e estejamos certos, há de acabar por nos bater.”

E algumas delas, como ensaio, nos centros supercivilizados, já usam esquisitas bengalas...

Observava uma mulher inteligente – e elas geralmente são duma inteligência e duma sagacidade perturbadoras! – que quando o seu marido olhava-a com maior carícia e beijava-a com mais sofreguidão, é por já fazer ou tencionava fazer uma perfídia. E uma esfuziante observação acrescentava, pela palavra sempre nova e justa do autor de *Abelhas douradas*, - quando meu marido começa a andar perturbado por qualquer Mulher, eu sinto-o logo; - são em geral impressões superficiais, mais epiderme do que Alma; e, como quase sempre sucede com todos os sensuais e todos os artistas, o que o perturba de ordinário não é a pessoa de determinada Mulher, é um pormenor impessoal da beleza dessa Mulher, um pescoço bonito, umas mãos inteligentes, uns braços bem feitos; - e eu sei imediatamente o que o perturbou, porque é isso o que ele procura logo em mim com um nervosismo e uma emoção pouco vulgares nele.

Já dizia Haller numa observação célebre – “o homem vive menos do que deve e mais do que merece”.

E a convicção da morte é um bem para a Vida – porque nos ensina a bem querer, e a aperfeiçoar essa mesma Vida, para o nosso encanto e a nossa Glória.

Mas o homem de hoje quase não sonha. Ele reflete em demasia. E é triste, porque até o seu próprio trajar é antipático e fúnebre. Sempre as mesmas roupas escuras, o mesmo corte desolador! Brummell desaparece de todo... E é por isso que a Mulher é sempre nova para nós porque a Moda transforma-a, muda-a, rejuvenesce-a, dá-lhe tons surpreendentes, dá-lhe atitudes e gestos originais... Ela dia a dia nos aparece uma outra, modelada *chez Paquin*, *chez Readfern* – e o homem volúvel por feitio, temperamento a educação, às vezes ama sempre a mesma Mulher porque Ela lhe surge transformada, quase que de momento a momento, com os seus vestidos flagentes ou coleantes, com os seus chapéus bem parisienses, as suas botinas altas, os seus perfumes... E com a sua Alma dá-lhe ao fim a sensação de muitas Mulheres condensadas em uma só, que ele adora e ama porque na volubilidade da sua imaginação lhe parece que são muitas...

A mulher é mais infeliz – porque o homem é sempre o mesmo no trajar e no pensar, nos gestos e nas atitudes, diria monótono se não fosse magoar a brilhante assistência masculina. Já ele quis – pobres de nós! – se transformar para ver se aparecia um outro radiante Pompa, de Beleza e de Graça. Mas na sua preocupação única e exclusiva da Mulher, pretendeu logo copiá-la, imitá-la, e foi naquela infelicidade que todos nós sabemos quando surgiu o *almofadismo* que ele fez para agradar a Mulher e que só mereceu desta um sorriso de ironia, - misto de compaixão e de piedade.

Estude as Mulheres de Anatole France, de Gustavo Flaubert, de Afonso Daudet, de Paulo Bourget, dos irmãos Goncourt, de Octave Mibeau, Marcel Prevost, de Eça de Queiroz, de Julio Dantas, de Machado de Assis, José de Alencar, Manoel Macedo, Aluizio Azevedo, Raul Pompéia, Afrânio Peixoto, e tantos outros, e vereis como, vivendo quase que a mesma época e dentro do mesmo meio, elas são tão profundamente diferentes! As Almas são como as fisionomias, sempre diversas...

A *Thais* desse formidável e querido Anatole France, como a *Herodiade* do mestre Gustavo Flaubert, nos dão a mesma impressão religiosa e dignificadora. E nos deslumbrará sempre a *Salomé* desse extraordinário Oscar Wilde. São Mulheres várias mas desenhadas com vigoroso traço que podemos esquecer nunca. E essa observação foi feita numa antiga palestra por uma artista francesa que é Mulher virgem em desejo tenaz, absorvente, imperioso de o repetir, de renovar a sensação daquele delicioso pecado...

Mas a psicologia da Mulher é esquisita Vede a norte-americana que está servindo de modelo ao mundo. O romancista espanhol Blasco Ibanez, ainda recentemente afirmava que o homem tratava-a com demasiada consideração e tanto que ela se rebelava, reclamando um senhor que a mandasse com ação e energia.

Vós, Senhores, conhecidos à obra desse formidável Henry Bataile, o autor de *La Tendresse*, que vem de morrer subitamente em plena irradiação do seu talento no Paris amado... Nos seus dramas intensos ele estudou o múltiplo carácter feminino. Sem o amor não há o romance, o teatro, direi a própria Vida. O Amor nas suas sutis ramificações desde a paixão violenta e abrasadora até o carinho materno – é a própria existência da Mulher. E o grande Bataille analisou-o em seus infindos aspectos, com aquela superioridade que o fez dominar na capital da Inteligência, da Cultura, do Luxo e do Prazer. Em *La Femme Nue* dizia um critico sagaz, “essa amorosa que é Louise Cassagne ou Loulou pode ser comparada ao da amorosa aldeã da balada, desposada por Amor e transportada aos salões,

onde ela se julga sempre uma figura estranha, incompatível com aquele meio em que vem a aniquilar-se. *La Femme Nue* não há contestar, é uma obra poderosa em que se faz sentir continuamente a cadeia do Amor. Nas suas obras precedentes são os mesmos grilhões de sentimento a angustiar as almas nas mais violentas convulsões; na *Mamã Colibri* é a saciedade que esmaga um coração de Mulher; na *Marche Nuptiale* é a humilhação do erro; na *Femme Nue* é o injusto abandono.”

Mas Bataille escreveu um dia – “que a Mulher gosta de obedecer ao homem quando o ama, quer ser independente e igual a ele quando não o ama. Não obstante, como todo psicólogo sabe, é impossível generalizar, e a regra geral é que os sexos são iguais, e devem ter iguais direitos e idênticos privilégios. O fato de que a Mulher é diferente do homem, não quer dizer que ela lhe é inferior.

Em matéria de Amor tanto o homem como a Mulher se voltam para a “Natureza.”

Outro psicólogo e romancista, Marcel Prevost, dizia com rara finura que é impossível qualquer homem e em qualquer País, dominar a Mulher com a clava: somente pelo amor ela pode ser dominada, particularmente quando o seu próprio amor é mal recompensado. Nunca se deve deixar a Mulher convencer-se de que é grandemente amada, - e sim fazer com que ela o adivinhe, a estranha sempre insegura do amor que inspirou.

Mesmo porque a felicidade absoluta é uma deliciosa fantasia. Então numa Alma inquieta ela não existirá nunca... Permite que eu vos cite, minhas nobres Senhoras, um dito de espírito... O célebre pintor Michel Bouquet conversava um dia uma dama de alta sociedade.

- Dizei-me, pediu ele, vós que tendes todas as graças, espírito infinito e uma grande fortuna, qual é, segundo vós, o mais belo dia da existência?

- O mais belo dia da existência? Tornou ela.

- Sim.

- É a véspera dele...

A grande verdade é que nós necessitamos, por mais paradoxal que pareça, tornar feminina a Mulher.

Latinos, a Criatura norte-americana não está no nosso feitio de sentimento. Reparai bem que me insurjo contra o pieguismo doentio e clorótico e contra uma certa literatura paludada que nasceu com Ohnet e Escrich. Quero a Mulher forte, elegante, cheia de Espírito e de Graça, trabalhando, sadia de corpo e de Alma. Mas que acima de tudo seja Mulher, - sem os modos extravagantes dos homens mal educados, sem os gestos rebarbativos aprendidos nos *films* americanos, sem as idéias esquisitas duma liberdade exclusiva, que tende a fazer desaparecer a Família, no que ela tem de mais alto e nobre, e puro - para ficar apenas a individualidade, duma independência incondicional, isolada, e contraproducente.

Nós não podemos estudar a Mulher brasileira, a sua Alma, através das três grandes e poderosas poetisas nacionais - que são Francisca Julia da Silva, a cinzeladora de *Esphinges*, Rosalina Coelho Lisboa, a artista de *Rito Pagão*, e Gilka Machado, a autora de *Cristais Partidos e da Mulher Nua*.

Francisca Julia, que desgraçadamente é morta, era a paciente buriladora do verso, à maneira fria de Heredia, o mestre lapidar dos *Troféus*, e de Leconte de Lisle.

Lendo-a com raras exceções, a gente tem a impressão do verso perfeito aberto no mármore gelado. Francisca Julia era assim indiferente e glacial? Não, não era. Mas artista excepcional, ela tinha a preocupação de se revelar apenas dum parnasianismo impecável. Continha-se, dominava-se, e tudo que era Alma, que era Coração, que era Espírito, que era Sentimento, ela na sua preocupação exclusiva de artista, cortava, suprimia, fazia desaparecer.

Escutai estes dois sonetos magistrais, - *Musa Impassível*:

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um jovem, conserva o mesmo orgulho; e diante.
De um morto, o mesmo olhar e sobrececho austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.

Celebra ora um fantasma angüiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima, cujo som, de uma harmonia creba,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com os seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.

O Musa, cujo olhar de pedra, que não chora,
Gela o sorriso ao lábio e as lágrimas estanca!
Dá-me que eu vá contigo, em liberdade franca.
Por esse grande espaço onde o impassível mora.

Leva-me longe, ò Musa impassível e branca!
Longe, acima do mundo, imensidade em fora,
Onde, chamas lançando ao cortejo da aurora,
O áureo plaustro do sol nas nuvens solavanca.

Transporta-me de vez, numa ascensão ardente,
A deliciosa paz dos Olímpicos – Lares
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os Poetas e os Heróis do grande mundo antigo.

Curiosa a lata trilogia das poetisas do Brasil! Nenhuma delas interpreta o sentir, o pensar, a vibração das nossas patrícias, tão cheias de Amor e afetividade! Rosalina Coelho Lisboa é uma famosa artista numa formosa Mulher. É um dos expoentes do Brasil literário e feminino. Pois bem: o seu verso não vibra, não canta, não entoia, não freme. É a impecabilidade fria da escultura. É apenas perfeito e como a grande Francisca Julia – ela, também, grande e maravilhosa – tem preocupação dos versos herediano e lecontiano no apuramento do metro e da rima.

Não canta o Amor a gloriosa Patrícia, - o Amor que é a Mulher e é a Vida. E daí concluir a sua impassibilidade? Não e não. Ela como a outra é Mulher brasileira e vibra, e freme, mas dentro da sua Arte é apenas ourives, é apenas Artista, burila, cinzela. Impõe a sua vontade excepcional ao verso, que maneja com mestria rara. Domina os seus sentimentos afetivos, faz calar o seu Coração, como que faz parar a circulação do sangue nas veias. Por temperamento? Não,- por vontade soberana, por Orgulho de Artista, e acima de tudo talvez, por delicado pudor de Mulher superior que não quer contar ao público mesclado Young, Acvaghosa e Tagore, - *Confiteor*:

Meu coração, nos chãos da vida empurra,
Emanado de ilusões e amores passa,
E o orgulho – que o resguarda, qual couraça –
De esperança e saudades o depura.

Luto, e, na luta em que meu ser se apura,
Espero a morte sem temer-lhe a ameaça,
E prefiro a verdade da desgraça
À estulta falsidade da ventura.

Pisando espinhos pela vida em fora,
Opondo a todo o sonho o meu desdém,
Forte no sacrifício, hora e mais hora.

Recebo o alento que da dor provem,
- Porque na dor minha alma se avigora
Para a renuncia, que é o supremo bem.

A gloriosa Gilka Machado também não reflete o sentir e a emoção da Mulher brasileira. A artista magnífica e suntuosa dos *Cristais partidos* é um vulcão. É febre. É o prazer, o gozo, a quintessência da Volúpia. É a carne bramar alto, com rugidos de fera.

E se a crítica assinala em Francisca Julia da Silva e Rosalina Coelho Lisboa a gelidez do verso, a impassibilidade de sua poesia, aponta em Gilka Machado o fogo entontecedor das suas estrofes sonoras, a voluptuosidade das suas imagens, o ardor do seu temperamento poético, o gozo que esponta de todo os seus versos.

Assim nenhuma das três, que são as três maiores poetisas do Brasil, interpreta a Alma e o Coração das brasileiras – a emoção desta, o Coração das brasileiras – a emoção desta, toda a sua ternura e todo o seu coração.

Essas três extraordinárias poetisas, nenhuma delas com o meio-termo, todas três contrariando talvez os seu temperamentos, duas são na poesia duma frieza marmórea, a outra labareda que sobe alto, que se contorce, que freme e queima de volúpia carnes moças e sadias.

Leio dos versos menos sensuais da musa excepcional de Gilka Machado, - *Anciã Múltipla*:

Dentro da magoa da ausência tua,
teus beijos pairam, tremulando,
como constelações numa noite sem lua;
num carinho muito forte ou muito brando,
teus beijos sempre me estão beijando.

Quando me beijas, os meus sentidos
ficam todos nos lábios reunidos
para beijarem o teu beijo, Amor!
Por certo pensarás que a paixão me treslouca:
Sente-os meu ser interior.

Quando longe te estás,
teu beijo sabe muito mais!...
gozo-o, egoisticamente,
parada, na mudez de um solitário ambiente,
sem que t'ó retribua,
gozo-o por toda a epiderme nua,
indefinidamente...

Na solidão,
teu beijo ganha mais calor e outra extensão:
largo, infinito, eletrizante,
sinto-o, em tremores e em desmaios,
vestir-me o corpo a cada instante
qual uma túnica raios!
Teu beijo dá-me a sensação
de uma carícia que perfura...
teus beijos matam a amargura
que me atormenta
de uma forma longa e lenta.
aos teus que, às vezes, são
finos e penetrantes como punhais.

Teus beijos... (deles trago os meus sentidos cheios)
teus beijos claros e umectantes,



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**